



O Comunista

SEMANARIO—Orgão do Partido Comunista Português

Propriedade do Grupo Editor O COMUNISTA

EDITOR—J. Rodrigues

REDACTOR PRINCIPAL

ADMINISTRADOR—Nascimento Cunha

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

MANUEL RIBEIRO

COMPOSTO E IMPRESSO

R. do Arco do Marquês do Alegrete, 30, 2.ª, D.—LISBOA

SECRETARIO DE REDACÇÃO—Caetano de Souza

Tip. do «Jornal da Europa»—Rua do Século, 150—LISB



:: :: :: A FILOSOFIA :: :: :: DA REVOLUÇÃO RUSSA



7 DE NOVEMBRO DE 1917

O grande acontecimento social que ha quatro anos se deu na Russia e que se repercutiu no mundo inteiro, não é ainda hoje bem compreendido daqueles próprios que andam ligados ao movimento revolucionário e na melhor das intenções dão o seu esforço, a sua vida e a sua tranquilidade pela causa do proletariado. O acontecimento russo, encarado á luz serena da sciencia social e não sob os cambiantes reflexos do sentimentalismo apaixonado, é um fenomeno complexo que não se abrange num golpe de vista superficial e precisa duma mentalidade nova, de instrumentos novos de análise e de reflexão para ser estudado, interpretado e compreendido.

Raros são, infelizmente, os que tem a noção exacta do que se passa na Russia e elaboram a síntese do verdadeiro significado dos sucessos revolucionários daquele país, uns por falta de preparação mental e outros, a maior parte, porque o sentimento lhes enubla a razão.

Educados até aqui por ideologias romanticas fabricadas nos gabinetes, nós todos, desde os altos espiritos que nos orientavam, não possuíamos a idéa exata da Revolução e procedíamos empiricamente talhando sociedades de cartão, sem termos em conta a complexidade dos fenomenos sociais.

Nós fomos victimas, e ainda o somos, de scientistas visionarios que nos detalharam em todos os pormenores, os planos da sociedade futura e encadearam os sucessos revolucionários com o criterio simplista dum fabricante de romances. Almas puras, espiritos de eleição, mártires, heróis, apóstolos, sem duvida, dignos do nosso culto, da nossa adoração—mas romancistas. O que são hoje a *Conquista do Pão* de Kropotkine e a *Sociedade futura* de João Grave? Romances. Adoráveis romances, idealisações sinceras apaixonadas e moralisadoras,—mas romances. Serão mesmo biblias, evangelhos. Mas as biblias e evangelhos são para crentes e se eram as crencas e a fé—as lindas ilusões—que outrora guiavam os povos, hoje são as realidades que orientam, é a sciencia social que dirige e governa as sociedades. A fé outrora sarava as chagas. Hoje é o bisturi e o ácido fénico.

E' duro, é doloroso, é cruel. Mas, ai de nós, e a realidade. Ora a Revolução russa pondo-nos em face da realidade veio ensinar-nos o que é a Revolução. Pódem os sonhadores e visionarios feridos nas suas ilusões, ultrajados na pureza das suas convicções sentimentais, clamarem que aquilo não devia ser assim, que aquilo podia ser doutro modo. Clamôr inutil. Aquilo tinha que ser assim, porque a Revolução é aquilo.

Ensinava-se outrora que o planeta que nós habitamos era o centro do mundo, o Rei do universo em torno do qual os outros astros giravam como uma corte de satellites. A sciencia hoje demonstra porém que a Terra é na amplitude infinita do espaço ainda menos do que um grão de areia na extensão imensa dum areal.

Do mesmo modo a idéa de Revolução que era para nós uma finalidade apoteótica *non plus ultra*, o coroamento das mais altas aspirações humanas, é na realidade um passo apenas no caminho imenso a percorrer.

A Revolução russa com o seu sentido da realidade quebrou-nos as ezas de papelão com que voávamos em céus de scenografia e fez de nós simplesmente homens calcando a terra dura.

Não nos lastimemos por isso. Mais vale um só passo em terra firme do que largos vãos no vácuo.

E foi esse passo firme que a Revolução russa deu...

TÉSES & DISCUSSÕES

Os Sindicatos Revolucionarios e o Partido Comunista

Todo o observador imparcial que seguiu o desenvolvimento do movimento revolucionario francês dos ultimos meses é obrigado a constatar que á medida que se aproximava o primeiro Congresso da Internacional vermelha dos Sindicatos e o Congresso da Confederação Geral do Trabalho em Lille, enfraquecia a tendência comunista da fracção sindicalista revolucionaria.

Tem-se a impressão de que para combater ao mesmo tempo as argumentações dos majoritarios partidários da Internacional de Amsterdam e a dos anarquistas que, no fundo, são contra toda a Internacional, os comités sindicalistas revolucionarios se limitavam a sustentar a tese da autonomia do movimento sindical francês e a recordar a famosa Carta de Amiens.

Seria fazer injuria aos sindicalistas revolucionarios, e em particular aos camaradas da *Vie Ouvrière* que tem sempre lutado com energia pela defesa da revolução russa e a Internacional de Moscow, comparando-os aos «centristas» mas quer eles queiram quer não, esses revolucionarios, que dos seus sentimentos revolucionarios tem uma argumentação que recorda a objecção feita pelos reformistas e oportunistas que aceitavam a 3.ª Internacional era principio, mas reivindicavam a «autonomia» do Partido.

Coisa extranha, os temores manifestados pelos sindicalistas revolucionarios a respeito do Internacional vermelha dos Sindicatos tem sido por assim dizer justificados e aprovados por um certo numero de comunistas, e viu-se membros do Partido mais sindicalistas que os sindicalistas não inscritos no Partido.

E' inaudito que a *Humanité*, orgão official do Partido Comunista, tenha publicado sem reserva alguma, sem nenhuma nota da redacção, o artigo no qual o camarada Verdier, membro dos C. S. R. e tambem membro do Partido, defendia a tese do sindicalismo puro e desaprovava por antecipação a attitude dos camarads Rosmer, Tommasi e Godonache em Moscow.

No congresso de Lille, o camarada Monmousseau, depois de ter feito uma profissão de fé nitidamente comunista, tem o cuidado de declarar que a minoria sindicalista entende que o movimento sindicalista fica *autonomo*, retomando a tese que na epoca, em que se organizava a minoria sindicalista o camarada Monatte defendia, que é a seguinte: «O sindicalismo é não sómente a verdadeira organização de classe, mas o que pode unicamente conduzir a luta de classes. Ele é em França e por toda a parte sem duvida, a corrente pura e sã do socialismo (*Vie Ouvrière*, 2-1-920).

Todavia esta politica exposta pelos representantes mais qualificados do sindicalismo revolucionario

francês não tem desarmado, bem ao contrario, os adversarios.

Os anarquistas que nada aprenderam com a guerra nem com a Revolução russa, que se emperdigam numa ideologia doutros tempos e não tem o cuidado das realidades, não estão satisfeitos: um dos seus principais orgãos ataca da maneira mais violenta a Internacional de Moscow, a Republica dos Soviets e a ditadura do proletariado. Por outro lado, Dumoulin á frente dos reformistas aproveitam e exploram a inconsequencia dos sindicalistas revolucionarios que se pronunciam contra a Internacional de Amsterdam mas temem franquear as portas da Internacional de Moscow. E' a sorte inevitavel de toda a politica equivocada, de toda a attitude sem precisão e firmeza que não agrada a ninguem e descontenta a todos.

A historia do movimento revolucionario francês faz compreender as hesitações e reservas dos sindicalistas revolucionarios. A attitude do partido socialista no passado, o seu oportunismo, o seu parlamentarismo e eleitoralismo, empurram os mais autenticos revolucionarios para o sindicalismo puro e o anarco-sindicalismo. Não é num dia que desaparecerão os efeitos dos velhos antagonismos entre o Partido e a C. O. T.

Sem duvida, o Partido, tornado comunista e aderente á 3.ª Internacional, peca ainda aqui e ali por oportunismo e a sua fracção parlamentar: não está isenta de censuras, mas é incontestavel que o Partido comunista francês tem feito enormes e constantes progressos num sentido nitidamente revolucionario.

O unico meio que tinham os revolucionarios sinceros de desbaratar o Partido dos restos do seu oportunismo era entrarem no Partido e dar-lhe vigor com a sua força generosa e activa. Infundindo sangue novo ao Partido matarilo o microbio do confusionalismo e do reformismo. Ficando fóra do Partido, os sindicalistas revolucionario ariscam-se a participar indirectamente no desenvolvimento desse perigoso microbio. Só por uma colaboração efectiva, íntima, quotidiana, é que os comunistas e os sin-

dicalistas revolucionarios trabalham para a defesa da Revolução russa e pela Revolução mundial.

O proprio Monmousseau o conhece francamente: «O Partido Comunista retomou e salvaguardou a concepção revolucionaria que a C. O. T. tinha abandonado. E os ataques furiosos dos Jouli e dos Dumoulin que declararam em Lille: «Nem esse partido politico nem outro qualquer!» prov que os reformistas não perdão o Partido de se ter tornado presamente um *factor revolucionario*.

Hipocritas e inconsequentes esses renegados que põem mesmo pé a ligação organica entre a C. O. T. e o Partido Comunista, não é a União íntima de forças revolucionarias, e a subdinação da C. O. T. á Internacional de Amsterdam e á Secretaria Internacional do Trabalho, isto ás instituições submetidas aos vicios capitalistas, opressores classe operaria.

E' por isto que certos sindicalistas revolucionarios não se entregam mais á defesa do sindicalismo puro. E' por isto que os militantes do C. S. R. de Boulogne-Billcourt recentemente aprovavam a resolução da Internacional Vermelha dos Sindicatos de Moscow, o valeu a Tommari o ver-se na obrigação de dar a sua demissão. União dos Sindicatos do Sena. por isso que certos camaradas não são, penso eu, revolucionarios de agua morna, como Rosme Godonache, não sómente aprovaram aquela resolução, mas aderiram ao Partido comunista. E' esse que a presença de um Pierre Monatte na Partido comunista tem uma repercussão imediata e grande o que a sua coragem e o seu ardor revolucionario influiriam felizmente no desenvolvimento do Partido comunista.

Os sindicalistas que aceitam a ditadura do proletariado e a luta nacional comunista, defendendo o sindicalismo puro recusando acirrar ao Partido cometem um erro. Se persistirem nesta attitude cometerão uma falta. Esperamos que não virão a cometel-a.

Moscow, 17-Agosto-1921.

HENRIQUE GUILBEAUX.

O AMANHÃ

(Aos Comunistas Portugueses)

Como ha de ser formosa a hora da justiça
Que ha de ser feita ao Povo, um dia muito breve
Sem a ambição que mata entre fogosa liza,
E se aloja na mente em sonho puro e leve!

Tud o que vai passando é fumo, froscia neve,
A nublar o preparo em que o Mal se prepara,
Vaidade que se gasta, engodo que se atreve
A morrer para sempre em luz triste e mortua.

Como o trabalhador ha-de ser venturoso,
No dia em que souber que vai nascer seu goso,
E as portas do collegio aos filhos vão-se abrir!

Não mais vês a miséria dentro do seu lar,
Quere ao Comunismo, alegre trabalhar,
E ver no Novo Mundo a Verdade a sorrir!!!

Outubro de 1921.

ANGELO DA SILVA.

Formalismo e Confusionismo

Scena triste em dois actos comicos-tragicos

Aos anarquistas que o são de alma e não só de boca, aqueles que herdaram o espirito humanitário de Réclus, Luiza Michel e Kropotkine e a sua moral sublime, oferece SOLDADO VERMELHO esta fantasia literária inspirada no triste e recente episódio de alguns operários que se dizem anarquistas recusarem o subsídio de solidariedade a operários comunistas presos.

1.º ACTO — COMICO

Tres operários sobem os degraus duma escadaria e atravessando corredores empurram uma porta e entram.

— E' um gabinete com uma secretária, algumas cadeiras e um arquivo recheado de livros em cujas lombadas se lêem os nomes de Kropotkine, Bak tvin, Pichas, João Grave, Sebastião Faure, Luiza Michel e outros autores libertários.

— Que ha? pergunta o individuo de oculos debruçado sobre uns livros de escrituração.

— A mulher hesita e arrastando sempre a creança, apróxima-se da secretária, humildemente, murmurando:

— Eu sou a companheira do «Penetra», sabe o senhor, o «Penetra» pedreiro que está preso no Limoeiro, e vinha saber do subsidio que é costume...

— Dinha senhora, o seu companheiro é politico, não tem direito ao subsidio de solidariedade, diz o homem secamente debruçando-se de novo sobre os livros.

A pobre mulher empalidece.

— Oh, senhor, mas é o «Penetra», sabe. Foram lá a casa os policias como da outra vez e levaram-no preso... Então o senhor não é disso, das idéas dele?

O homem dá um pulo na cadeira, formalizado.

— E, politico? Sou libertario, sindicalista revolucionario, nada de confusionismo!

— Mas é mesmo assim que a visinhança chama ao meu homem. Até lhe chamam bolchevista e anarquista...

— Não se admira, minha senhora, é o confusionismo. E' espantosa a ignorancia que ha em materia social. Se até ha dias, com um ministro, tive que fazer uma preleção de meia hora para o pôr ao facto das diversas nuances revolucionarias! Pasma a ignorancia geral nestes assuntos!

— Mas o «Penetra» estava sempre a bramar contra os exploradores dos operários, coísta os ricos e diz que hade morrer combatendo pela Revolução social...

— Olhe, minha senhora, eu não tenho agora tempo de lhe explicar essas divergencias que são basicas, fundamentais. Aqui tem esta brochurinha em que se desfazem todos os confusionismos, vem ali explicado o que é o anarquismo e o comunismo-marxista veja a alinea e na 2.ª serie dos argumentos, pagina... pagina... A senhora verá. E' um argumento irresponsivel, a favor dos metodos anarquistas. O comunismo-marxista fica achatado, arrazado, reduzido a pó. Não se esqueça alinea e...

— Oh, meu senhor, não me importa nada disso... O que sei é que não tenho pão para estas creanças e que ha casa onde eu ia esfregar, assim que souberam porque é que o meu homem foi preso, mandaram-me embora, que não queiram lá mulheres de anarquistas nem de bolchevistas.

— Bolchevista, sim, anarquista não. Que raio de confusionismo! O seu marido milita no partido comunista não professa as idéas anarquistas. Se tem a certeza que essas pessoas empregaram o termo anarquista, ha-de dar-me a morada para lhes mandar uma brochura.

A pobre mulher contorcia-se de desespero.

— Visto isso, o subsidio...

— E' impossivel, minha senhora. Tenho muita pena, sómos proletarios, mas as idéas e os principios acima de tudo.

A desgraçada gemeu.

— Mas elle da outra vez teve o subsidio, e era tambem por isso de coisas contra os soldados.

— Contra os soldados, não, contra a farda. Chama-se a essa doutrina filosofica o anti-militarismo. Mas da outra vez, minha senhora, os manifestos vinham assinados pela Juventude Comunista Libertaria, ao passo que este agora vem assinado pela Juventude Comunista. Faz diferença. Mas espere, espere... Tive agora uma luminosa idéa!

E o homenzinho pôz a mão na testa ajudando o parto duma idéa.

— Eu sou amigo do «Penetra» apesar da profunda divergencia de idéas. Tudo se pôde arranjar salves. O «Penetra» e os outros presos que mandam para cá um officio dizendo que por erro da tipographia não se compoz a palavra Libertaria. O manifesto fica pois da autoria da Juventude Comunista Libertaria e sana-se o mal. Os rapazes apanham o subsidio. Já não ha confusionismo e fica assim tudo aclarado... E agora a senhora pégue lá, — disse o homem, tirando da carteira uma nota de vinte e cinco tostões... Mas tome bem sentido que não é o sindicato, não é o correligionario... perdoe, correligionario não, é um termo politico, o camarada, — que não é o sindicato e o camarada que dá, porque entre nós levantam-se os abismos profundos dos ideais, mas o homem de principios anarquistas em honra desses principios que professa.

A mulher sentiu uma onda de rubor subir-lhe ás faces e não pegou na nota que lhe estendiam. Na noite da sua ignorancia fazia-se luz o comprehendia. E disse ao homem:

— Olhe, senhor, eu não sei nada das theorias de que para aí me fala. Sou uma pobre ignorante, sem instrução, analfabeta. Mas entendo que quando se dá se deve dar de alma, de coração, sem condições, nem restrições. Oiga, senhor, quando foi do Monsanto, estava o meu homem preso, appareceu lá no prédio onde a gente mora um casal, mulher e marido, gente fina e de posição, fugidos. Ela levava uma creancinha de peito que mal podia alimentar, pois no barulho da revolução, perseguidos, tinham fugido e deixado a ama. Compreendi a afflicção daquela mãe e dei os seios a seu filho. O meu marido estava preso, talvez á ordem daquela gente, mas deli o leite do meu filho, tifo de boa vontade, tifo do coração, que nem disse me lembrei. E' assim, senhor que eu dou e é tambem assim que recebo.

E afogada em soluços a pobre mulher, arrastando o pequeno, deixou o gabinete, atravessou os corredores e desceu a escada.

E essa creatura ignorante, que não sabia ler, que não conhecia principios nem nuances de doutrinas, era mais anarquista, dando o seu leite, o seu sangue, a sua vida; do que aquele homem duro, empertigado de formalismos com toda a montanha de livros e de saber atrás de si.

SOLDADO VERMELHO.

NOTA DA REDACÇÃO. — O caso a que Soldado Vermelho se refere acha-se fellemente liquidado por se encontrarem já em liberdade os operários comunistas. Como porão o seu artigo, embora sem oportunidade encerre uma lição da moral, não resistimos á tentação de o publicar. Devemos ainda advertir que o lamentavel incidente não foi da responsabilidade das classes, cujo espirito de solidariedade e de humanitarismo Soldado Vermelho virá o primeiro a reconhecer, mas sim de alguns associados das direcções, certamente por uma inconsideração precipitada que não se repetiria hoje, visto a propria C. G. T. nas suas reclamações junto do governo, para a libertação dos presos por questões sociais, ter-se solidarizado tambem com os jovens comunistas, considerando-os justamente como não podia deixar de ser, presos por delicto social e não politico no criterio errado e a humilhação de alguns.

A grande greve textil no Norte da França

O comité de greve de Roubaix-Tourcoing resiste firmemente e declara que as manobras capitalistas não quebrarão a unidade da classe operaria.

A situação é excelente no começo da decima primeira semana da greve. A vontade da classe operaria é a continuação da luta á victoria.

Em Troyes (departamento do Aube) realizou-se uma votação em que tomam parte os grevistas e os que se encontram privados de trabalho. Em 9513 votos do 3237 se pronunciaram pela retomada do trabalho. A greve continua.

2.º ACTO — TRAGICO

Uma pobre mulher de rosto esqualido, olhos pisados das lagrimas, com duas creanças uma de peito e outra de poucos anos pela mão, sobe lentamente os degraus da mesma escadaria de pedra e atravessando corredores bate timidamente a uma porta.

— Entre, diz a voz de ha pouco, colérica.

E' um gabinete com uma secretária, algumas cadeiras e um arquivo recheado de livros em cujas lombadas se lêem os nomes de Kropotkine, Bakunine, João Grave, Réclus, Sebastião Faure, Luiza Michel e outros autores anarquistas...

Assim demonstraremos ser revolucionarios convictos e consequentes na propaganda feita.

Pela frente unica do proletariado revolucionario.

Pela Libertação dos trabalhadores.

ANTONIO MONTEIRO

(joven comunista)



O SINDICALISMO PORTUGUÊS = A PESCA

Apresenta-se o autor destes artigos --- A que se deve o título de Guarda Nacional Republicana. O que o autor entende por Sindicalismo

No nosso ultimo artigo accusamos o Sindicalismo português de ser um sindicalismo politico. Vamos demonstrar-o. Antes porém, é tempo de nos apresentarmos ao leitor, para justificar o direito de critica que nos dá o passado. O nosso nome é tão insignificante e desconhecido, que vale tanto como o pseudónimo...

Nascido numa familia de militares e tendo como parentes proximos, aristocratas e politicos monarchicos, tudo fazia prever que eu seria conservador. Porém, havia dentro de mim alguma coisa de tão poderoso, que, empolgando-me, fazia com que eu, talvez ainda com menos de doze annos, chorasse, como sinal maximo de reprobacao, por ver dar uma bofetada num soldado. Mais tarde, vindo para Lisboa, ainda estudante, e quando pelo espirito de dependencia da nossa raca, tudo deveria esperar de um tio que na politica tinha alcançado a situação de ministro da monarchia, inclinei-me decididamente para o campo republicano e, finalmente, fiz a minha profissão de fé republicana perante aquele parente, que me escutou sorridente e compassivo.

Contudo, já então, sendo um espirito livre, não ingressei em qualquer centro politico. Fez-se a Republica.

No dia 5 de Outubro, eu e um outro republicano, de nome Gambetta das Neves, falamos ao povo, apontando-lhe os perigos que correriam os bons principios se não se constituisse uma força popular para os defender e fazer cumprir. Sugerimos a creação duma guarda nacional, e nesse sentido se resolveu, nomeando-se logo alli uma comissao, de que eu fiz parte e aquele amigo, que subiu aos paços do concelho, onde se avistou com o actual presidente da Republica, e declarando-se judiciosamente representante do povo republicano da cidade de Lisboa, reclamou a constituição de uma guarda nacional...

Nun breve discurso, doutoral e já orgulhoso, o sr. Antonio José de Almeida declarou concordar com a idea, prometendo não esquecer os desejos do povo de Lisboa, manifestados por intermedio daquela comissao. E foi assim que, pela duplicidade dos politicos, vemos ainda hoje a guarda municipal mascarada de Guarda Nacional Republicana...

No entretanto fundava-se um centro republicano radical (teve sede na rua da Gloria); enganados com o rotulo, eu e ainda aquele amigo ingressamos nele; mas dentro em pouco verificamos que as forças populares republicanas haviam estagnado, e que todos esperavam duma messianica. O assalto à Casa Sindical deu-nos pretexto para abandonar aquele tumulo e, desde então, nunca mais me juntei a republicanos.

Veiu a guerra, a questão economica e a questão social enovelaram-se, e eu inclinei-me decididamente para o Sindicalismo e comecei a intervir na vida associativa da então minha classe, a ferroviaria. Foi desde aí que tive a nitida comprehensão de que o Sindicalismo que se estava praticando entre nós não era sindicalismo, como eu o comprehendia, não passava de um certo numero de «trucs» politicos; e que, finalmente, os seus inspiradores serviam-se mais das massas populares para efeitos politicos, que no interesse de lhes melhorar a situação.

Para mim o sindicalismo resumia-se no seguinte: As divisões politicas do operariado inutilisavam, até certo ponto, a sua acção corporativista, assim como uma exagerada preocupação

politica e a esperança de que a sua emancipação havia de resultar da acção dos politicos, prejudicava a eficiencia da acção revolucionaria. Por outro lado reconhecia-se que, independentemente da forma do governo, e até superior a ele, havia uma organização deficiente da produção, resultante não só da ambição capitalista, de vistas estreitas, mas também das deficiencias tecnicas do proprio operariado, o que garantia a sua condição de subalternidade e lhe tirava a força moral e até certo ponto a possibilidade tecnica de poder modificar as condições do meio.

A convicção de que uma vez modificadas as condições de trabalho, pelo proprio esforço dos que trabalhavam, a feição do Estado se haveria de modificar, sem lhe mexer nem com ele se importarem, era, a meu ver, a determinante justificativa da despreocupação daquilo que cada um podesse ser em politica, desde que na luta de classes não se tivesse em vista mais do que uma progressiva modificação das condições de trabalho e uma consciente e metódica absorção das fontes de produção. A despreocupação do que cada um pudesse pensar ou fazer no campo politico, fóra da acção corporativista, justificava-se ainda pela circunstancia de que, o sindicalismo, educando as massas insensivelmente pela cartilha revolucionaria, adestrava, ainda que sem o proposito de o fazer, os melhores soldados para militarem nos partidos avançados, os quais, por sua vez, seriam a garantia do predomínio operario no campo politico, ainda que sem intenção, como já dissemos; posição essa que se tornaria muito util como elemento de colaboração.

Assim eu imaginava que os sindicatos estabeleceriam escolas de caracter social; organizariam oficinas de aprendizagem e de aperfeiçoamento tecnico dos seus filiados e seriam estabelecidas oficinas sindicais de produção; que as sessões de propaganda moralisadora, de amor e respeito pela familia e de abominação pela taberna seriam constantes, que, enfim, realisando a mais decidida parte do seu programa, se estudasse bem profundamente a situação economica e a forma de exploração de cada industria em geral e de cada officina em especial, de maneira a habilitar, muito conscientemente, cada trabalhador a avaliar a situação e julgar os que exploram as suas energias, atirando-o para o monturo, uma vez que ele se mostra cansado, quando antes não lhe tem prostituído as mulheres e as filhas, sob os seus olhares quasi indifferentes.

Era isto que eu julgava que seria o sindicalismo por dentro, e nada disto encontrei no meio sindicalista, quando para ele entrei; e nada disso conseguí realisar, porque para todas as idéas generosas, para todos os actos de solidariedade, que não se representavam por uma grève, que para a maioria era um excelente pretexto para folgar nas horas ou fazer mais à von ade um «gancho» para particulares, não encontré senão «relhas mças, salas desertas e bolsas fehadás.

Longe da propaganda dos novos ideais terem dado ás massas operarias uma maior consciencia de solidariedade, a feição particularisima que tomou tornou as classes ferocemente egoistas e agressivas para todos aqueles que pretendiam levar-as a construir qualquer coisa, a estabelecer as bases indispensaveis a seu proprio bem estar. Agressivas como se tornaram e conflituosas, sem previamente organizarem officinas sociais onde recolhessem os que fossem expulsos das suas officinas pelo patronato,

Logo a seguir ás industrias derivadas da exploração do solo agrícola, devem ser as da exploração do mar as que maior influencia têm na nossa economia. Portugal é um país de vinho e um país de peixe. As suas costas maritimas foram, desde longa data, conhecidas pela variedade e riqueza duma fauna sempre abundantíssima, dando motivo a um tráfico seguro e vantajoso. Os fenícios, os cartagineses e os romanos aqui pescavam e daqui mandavam, já salgado, o peixe que muitas regiões interiores da Iberia pagavam por bom preço. Depois, Portugal constituido, D. Diniz e o Infante D. Henrique tendo favorecido a pesca, e, finalmente, o Marquês de Pombal criando a Companhia de pescarias do Algarve, — a industria da exploração do mar — sem falar nas ferreas rias de Faro e de Aveiro, — tomou alento, estendeu-se, e começou a ser, de facto, uma grande fonte de riqueza publica — e, muito maior ela seria ainda se, desde há muito, e por vários motivos que não estudaremos, mais de dois terços do peixe que a Espanha consome e conserva, não fossem de Portugal originários, em nosso inteiro detrimento e prejuizo.

A medida que a industria da pesca se foi entre nós desenvolvendo, aperfeiçoando se foram simultaneamente os processos e aparelhos empregados. Reduziu-se a mão d'obra e obtiveram-se colheitas mais espessas de pescado. Apareceram as redes de arrasto drenadas por vapores. Os batesis a remos circuncreram-se ás regiões limítrofes das costas. Mas, desde os pequenos saveiros ovariños até ás armações fixas e aos vapores do alto — todos encontram no mar português com que ganhar a vida e dar ainda a ganhá-la a uma população industrial, cada vez maior e que constitui a fabricação das conservas de peixe.

São célebres as nossas especialidades de fauna maritima. Em parte alguma do mundo existem melhores exemplares de salmónetes, linguados, chernês, pargos, pregados, pescadas, corvinas, lulas, polvos, lagostas e camarões. Em abundancia, são célebres os nossos mares pelo que se refere à sardinha, ao carapau e à cavala, principais causas da nossa industria de conservas. O bacalhau, que barcos portugueses, principalmente da Figueira da Foz, vão buscar à Terra Nova, e é depois secado em Portugal, tambem é um ramo importante da nossa rica industria piscatória. E o mesmo se poderia dizer de ostras, ameijoas e bivalves vários, se eles fossem aqui industrialmente explorados, como tanto conviria.

São muitos e diferentes os tipos de barcos usados pelas artes maritimas entre nós. Apesar dos progressos havidos pela introdução de novos aparelhos e sistemas, ainda existem os caiques do Algarve, as lanchas poveiras, as meias-luas e os saveiros que, de Aveiro e além, vêm até ao sul pescar, como tantos ainda se encontram entre Setubal e Ce-

zimbra, levando vida aventureira, trabalhando à foga, a anzol, à linha e ao arrasto. Se escolhermos o porto de Setubal como tipo de industria da pesca no país, veremos que os aparelhos mais usados são os seguintes: cercos americanos e armações, para sardinha e carapau; «clunchorros», para choco, charroco, linguado, etc.; esboleiras para salmónete, choco e diversas; «branqueiras» para tainha, salmónete, mugge, etc.; «acaçoiras» para cação, corvina e espécies similares; «xávégas» para massacotes, peixões, etc.; «escadas», para sarda, carapau e agulha; «touteiras» para lulas e chocos; «covos» para eiré, choupas, bodião e para lagosta e lavagante; «palange» para pargo, sifio e cação; «estrovadas» para peize-espada e pescada; «gorazeiras» para gorazes, cachuchos e raias; «amourejonas» para alcorraz, eiré e linguado; e «ameiojeiras» para ameijoas. Além destes, e das armações de atum no Algarve, muitos outros aparelhos são ainda empregados na arte piscatória em Portugal.

Sobem à cerca de 13.000 as diversas embarcações de pesca, das quais pouco mais de 100 têm motor mecânico. Todas elas deslocam para cima de 30.000 toneladas, com o valor total de 6.000 contos em numerosos donos, incluindo aproximadamente 300 jangadas. Este valor distribui-se pela seguinte forma: 2.700 contos no departamento do Centro, que compreende, pela ordem da sua importancia, Lisboa, Setubal, Nazaré, Peniche, Cezimbra, Barreiro, Trafaria, Sines, Cascais, Ericeira, Lagos, Obidos, Vila Nova de Milfontes e S. Martinho; 1.800 contos no departamento do Norte, compreendendo Porto, Figueira da Foz, Leixões, Aveiro, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Caminha, Viana do Castelo e Espozende; e 1.500 contos no departamento do Sul, abrangendo Portimão, Olhão, Faro, Vila Rial de Santo Antonio, Lagos, Tavira, Albufeira e Fuzeta.

Pelo que respeita ao produto anual da pesca, não será exagerado calculá-lo em 15.000 contos, bem que oficialmente ele appareça como 9.500 unicamente, no ano de 1915, e 7.452 como média dos cinco annos de 1911 a 1915. Em França, o valor anual das pescarias orça por 22.000 contos, devendo porém notar-se que, neste valor, estão incluídas as pescas da Terra Nova, da Islandia, do Senegal, etc. Por este confronto se vê pois quão valiosa é a nossa industria da pesca.

No a o de 1917, 31 vapores portugueses, que vieram decastrar peixe a Lisboa, tiveram 958 contos de receita bruta pela venda de 13.103 toneladas, de onde resultou a média de 207,3 por cada quilograma, emquanto o consumidor o pagava, à porta, à razão de 214 e 220. É pois um negocio de largo interesse para todos aqueles que nele intervem. Os portos maritimos onde o produto da pesca aungiu maior valor em 1915 são os seguintes, pela ordem da sua importancia e segundo os numeros officiaes: Lisboa, 1.572 contos, principalmente em pescadas, pargos e gorazes; Setubal, 1.433 dos quais 1.266 em sardinhas; Vila Rial de Santo Antonio, 691, dos quais 450 em atum e 198 em sardinhas; Porto, 592, sendo 160 em bacalhau e 192 em pescadas; Oeiras, 500 dos quais 405 em sardinhas; Lagos, 589 dos quais 470 tambem em sardinhas; Olhão, 503, dos quais 480 em sardinhas e carapaus; Portimão, 530, sendo quasi tudo em sardinhas; Aveiro, 443, sendo 268 em sardinhas e 43 em caraqueiras e 18 em bacalhau; Peniche, 420, cuja maior parte em sardinha; Lagos, 343, em carapaus, sardinhas e atum; Figueira da Foz e Nazaré, 627, em sardinha, bacalhau, caraqueiras e peixes diversos. Quisquer das outras capiturias não obteve produto superior a 130 contos.

Se, ainda, q. isermos apurar qua a importancia da pesca pela ordem dos annos colhidos, veremos que foram a sardinha, o carapau e o chicharro, principais elementos da industria das conservas, que detiveram a primazia, porquanto, da cifra total official de 9.500 contos, lhes pertencem 5.100, vindo a seguir a pescada com 1.266, o atum, as albacoras, os honchos, com 598 e o bacalhau com 465. As aguas salobras, que produzem as magnificas espécies de lampreias, salmões e sáveis, renderam 184 contos.

Referindo-nos finalmente ao peçoal empregado na industria da pesca, não é elle inferior a 50.000 individuos, dos quais nem sequer 11% é de menor idade.

Esta importante população industrial distribui-se da seguinte forma: em numeros redondos: 25.000 no Norte, sendo 8.000 em Aveiro, 5.000 em Porto, 2.500 na Póvoa de Varzim, 1.600 em Caminha, 1.000 em Leixões, 1.000 em Vila do Conde, os restantes em Espozende e Viar do Castelo; 15.000 no Centro, sendo 25.000 em Nazaré, 2.500 em Peniche, 4.000 em Setubal, 3.000 em Cezimbra e Trafaria, 1.500 em Lisboa, e os restantes em Cascais, Ericeira, S. Martinho, Barreiro, Lagos, Obidos, Sines e Vila Nova de Milfontes; e 10.000 no Sul, sendo 2.000 em Portimão, 1.600 em Olhão, 1.200 em Lagos, 1.000 em Faro, os restantes em Albufeira, Fuzeta, Tavira e Vila Rial de Santo Antonio.

dem da sua importancia e segundo os numeros officiaes: Lisboa, 1.572 contos, principalmente em pescadas, pargos e gorazes; Setubal, 1.433 dos quais 1.266 em sardinhas; Vila Rial de Santo Antonio, 691, dos quais 450 em atum e 198 em sardinhas; Porto, 592, sendo 160 em bacalhau e 192 em pescadas; Oeiras, 500 dos quais 405 em sardinhas; Lagos, 589 dos quais 470 tambem em sardinhas; Olhão, 503, dos quais 480 em sardinhas e carapaus; Portimão, 530, sendo quasi tudo em sardinhas; Aveiro, 443, sendo 268 em sardinhas e 43 em caraqueiras e 18 em bacalhau; Peniche, 420, cuja maior parte em sardinha; Lagos, 343, em carapaus, sardinhas e atum; Figueira da Foz e Nazaré, 627, em sardinha, bacalhau, caraqueiras e peixes diversos. Quisquer das outras capiturias não obteve produto superior a 130 contos.

Se, ainda, q. isermos apurar qua a importancia da pesca pela ordem dos annos colhidos, veremos que foram a sardinha, o carapau e o chicharro, principais elementos da industria das conservas, que detiveram a primazia, porquanto, da cifra total official de 9.500 contos, lhes pertencem 5.100, vindo a seguir a pescada com 1.266, o atum, as albacoras, os honchos, com 598 e o bacalhau com 465. As aguas salobras, que produzem as magnificas espécies de lampreias, salmões e sáveis, renderam 184 contos.

Referindo-nos finalmente ao peçoal empregado na industria da pesca, não é elle inferior a 50.000 individuos, dos quais nem sequer 11% é de menor idade.

Esta importante população industrial distribui-se da seguinte forma: em numeros redondos: 25.000 no Norte, sendo 8.000 em Aveiro, 5.000 em Porto, 2.500 na Póvoa de Varzim, 1.600 em Caminha, 1.000 em Leixões, 1.000 em Vila do Conde, os restantes em Espozende e Viar do Castelo; 15.000 no Centro, sendo 25.000 em Nazaré, 2.500 em Peniche, 4.000 em Setubal, 3.000 em Cezimbra e Trafaria, 1.500 em Lisboa, e os restantes em Cascais, Ericeira, S. Martinho, Barreiro, Lagos, Obidos, Sines e Vila Nova de Milfontes; e 10.000 no Sul, sendo 2.000 em Portimão, 1.600 em Olhão, 1.200 em Lagos, 1.000 em Faro, os restantes em Albufeira, Fuzeta, Tavira e Vila Rial de Santo Antonio.

E' gente sóbria, valente, audaz, trabalhador. E' a raça portuguesa — causa das suas maiores glórias e das maiores fortunas da nossa terra.



PALCO SOCIAL

Como a sociedade está Toda pôde! Quem não vê? O B diz tão mal de A O A diz muito mal de B Só impéra a lingua má.

Abeiramos um Foliano Sua conversa amarra Como não grama um sicrone Expõe uma roupa suja Com peor cheiro que o guano.

Mas se entre a conversa avista O tal sicrone em questão? Fala ao seu antagonista, aperta-lha sua mão Numa saudação bemquista.

O' mentira és exhibida Mascarada de verdade Vê se esta gente envolvida Num meio de falsidade Sempre em luta desabrida.

Eu julgava o Carnaval, 86 3 dias... que enganado l Sobre o palco social Vejo tanto mascarado Todo o ano. Isto é fatal.

M. A. Arner.

DE VOLTA DA RUSSIA

O sindicalista revolucionário francês Rosmer que acaba de chegar da Rússia, onde esteve dezoito meses, deu à «Vie Ouvrière» de Paris interessantes esclarecimentos sobre a situação política daquele país.

Rosmer é uma das mais altas inteligências do Indicalismo francês cuja reputação revolucionária ele criou com Monatte — alguns outros que se perderam no campo reformista e se inutilisaram para a Revolução.

Rosmer é um espírito metódico e calmo sabendo ver direito e não se deixando nunca perturbar por exaltações momentâneas. O seu depoimento tem pois um valor importantíssimo e vamos inserir-o na íntegra, para elucidação dos que o não leram no jornal de Monatte.

Foi sobre a questão da fome que actualmente lava na Rússia que incidiram as primeiras perguntas dos camaradas de Paris.

A fome

—A fome que se abateu sobre milhões de habitantes da província do Volga em virtude da escassez total de colheita é, para a Rússia soviética, uma nova e rude prova, respondeu Rosmer. Os nossos camaradas russos tem conhecido todos os dificuldades e não ha embargo que não se tenha oposto á sua tarefa.

A colheita do ano findo fôra insuficiente em consequência da seca.

Este ano a colheita foi nula.

A custa dum imenso esforço a Rússia soviética pôde, com os seus unicos recursos, resolver esta primeira parte do problema angustioso posto pela fome. Mais de metade do territorio habitualmente cultivado foi já semeado. Agora é preciso alimentar a população até á proxima colheita. Sem o auxilio exterior não milhares de homens, mulheres e crianças morrerão na Rússia dizimados pelo escorbuto e pelo tifo.

A Rússia soviética recorreu primeiro que tudo ás suas disponibilidades. Mas ao mesmo tempo não hesitou em apelar para todas as boas vontades, tanto no país como fora dele. Os quaquers que tinham já uma pequena instalação em Moscow, responderam. Depois Hoover. Quando a Nanzen, é em vão que elle tem percorrido o mundo para achar os cinco milhões de libras esterlinas que bastariam para assegurar a vida das populações ameaçadas até á primavera. A burguesia da guerra imperialista tem o coração duro e não se comove por tão pouco. Viu ela na fome uma ocasião para abater a Rússia dos Soviets. Mas como sempre — quando se trata da Rússia — enganou-se. Supôs ella que o poder dos Soviets se enfraquecia e que um empurrão o deitaria a terra, e deu ordem á Polónia para começar o ataque.

Mas a Polónia, embora docil ás ordens de Paris, não obedeceu porque estava coisas de perto e está melhor informada. E o ataque conjugado da França e da Inglaterra — instruções secretas á Polónia e nota Curzon — manteve-se por agora a distancia.

O campones russo não é tão estúpido como imaginam os civilizados do Occidente que não conheciam nunca da Rússia senão os titulos de renda, as acções e os coupons. O campones do Volga sabe muito bem que se não houve este ano pão não foi por culpa dos comunistas mas do sol que queimou as cearas. E elle tem sabido reconhecer o valor do auxilio que lhe tem trazido o poder dos Soviets. Perante a extensão do desastre que o feria, abandonava-se a perda toda a esperança. Mas eis que o auxilio chega e elle reconhece

que o novo regimen de que se queixava outrora realisou esse novo milagre de tirar das outras partes da Rússia o grão para as sementelras e trazer-lho. Todos os que estão na Rússia verificaram a reconquista da popularidade dos Soviets entre os campones, principalmente o sr. Artur Ranzon que notou nas suas notáveis correspondencias para o «Manchester Guardian.»

A nova politica sovietista

Pomos agora uma questão a Rosmer: a da politica nova Qual é a sua significação exata? Que resultados dela?

—O que se chama a politica nova compreende duas ordens de medidas diferentes.

Primeiro os campones. E' bem evidente que a requisição pura e simples não podia prolongar-se indefinidamente. E' processo primitivo-brutal, que não tem justificação senão nas circunstancias que o impõem. Toda a gente se encontrou de acordo em substituir este ano a requisição pelo imposto em especie.

Pelo que diz respeito á industria e os operarios da cidades, a questão é muito mais complicada. O poder dos Soviets tinha nas mãos um dominio imenso; a quasi totalidade da industria, confiada ao Conselho Superior da Economia. A guerra, o bloqueio, o isolamento da Rússia accumularam as dificuldades. Devemos, com efeito, recordar que a Rússia, tributaria da Alemanha numa grande quantidade de maquinas e objectos manufacturados, encontra-se bloqueada desde 1914, e que é somente ha alguns meses que pode entrar em relações — complicadas muitas vezes — com o exterior.

O poder dos Soviets resolveu pois restringir o seu dominio industrial.

Retem as fabricas, melhores e cujo reabastecimento em materias primas e carvão está assegurado, e as outras são postas á disposições das emprezas privadas. Algumas dessas fabricas, todavia estão a cargo de diversas instituições soviéticas que lhes asseguram a exploração. Quando deixei a Rússia o numero de fabricas concedidas ás emprezas privadas era ainda bastante restrito, sobretudo no governo de Moscow.

Tenho naturalmente que voltar a este assunto: só posso aqui descrever o essencial. Quero somente fazer ressaltada palavra «concessões». Parece crer-se muitas vezes que o poder dos Soviets, segundo a sua nova politica faz, por prazer, concessões aos capitalistas. Trata-se mas é de adaptações do desenvolvimento da Revolução russa ao estado do movimento operario fóra da Rússia.

A Internacional Sindical Vermelha

Das grandes questões gerais chegamos agora á Internacional Sindical Vermelha que particularmente nos interessa. Se não somos seus aderentes effectivos, sómo-lo poderemos moralmente.

Tem ella vida e consistencia? perguntamos.

—Certamente, a Internacional Sindical Vermelha está solida, declara Rosmer, e o primeiro Congresso foi para aqueles que o tinham preparado um successo inesperado. Reuniram-se em Moscow perto de 400 delegados de todas as partes do mundo, representando todos os movimentos operarios desde os mais antigos até aos mais recentes, as novas Unões da Alemanha, o movimento canadiano

daido da greve de Winnipeg, etc., etc.

A Internacional Sindical Vermelha vê claramente a tarefa que tem a desempenhar para dar ao proletariado a que elle espera dele. Trata-se de crear um centro de informações e de acção internacional. Os proletariados dos diversos países ignoram-se muitas vezes, não se conhecem mas tem ligação entre si e vão sózinhos para os seus movimentos, qualquer que seja a sua amplitude e o seu caracter. Não houve ajuda, nem antes nem depois da guerra, uma verdadeira acção internacional. A solidariedade de classe operaria por cima das fronteiras, posto que disso se fale muitas vezes, não tem orgão e não tem portanto possibilidade de manifestar-se. Sei que a internacional de Amsterdam existe. Ha 'ambem Genova, é a mesma politica.

Os leaders reformistas orgulham-se de algumas concessões feitas pela burguezia logo a seguir á guerra imperialista, notavelmente as oito horas de trabalho. Mas a burguezia só fez essas concessões sob a ameaça da Revolução e no intuito de conjural-a. Hoje que a ameaça da Revolução parece afastar-se e que a classe operaria é mantida pelos chefes sindicais nos limites da legalidade, a burguezia reconsidera e o seu primeiro gesto é negar o que concedeu quando tinha medo.

Contra esta offensiva geral de burguezes, os operarios de todos os países estão sem defesa, e os seus leaders adoptaram o ponto de vista da burguezia.

Os mineiros britânicos lançaram-se na luta e mantiveram-se nela corajosamente durante treze semanas. Lutaram sós e foram vencidos.

Onde estava a Internacional de Amsterdam durante esta grande batalha? Ninguém a viu.

O que a Internacional Sindical Vermelha quer é tomar o lugar desta Internacional vacillante; fazer o que ella não pode fazer, e dar aos operarios o orgão indispensavel para os armar fortemente na grande luta actual e pô-los em condições de resistirem á offensiva da burguezia levando-o á vitória.

—Tudo isso queremos-lo nós como o quer a Internacional Sindical Vermelha, objectamos nós. Mas porque não lhe abrem mais completamente as portas? Ficaram surpreendidos com a nossa resolução dos C. S. R.

—A attitude dos C. S. R. (comités sindicallistas revolucionarios) surpreendem-me vivamente, replicou Rosmer. Tom Mann que é um velho amigo do nosso movimento e da «Vie Ouvrière, Andreytchine, que é um novo, mas não menos dedicado amigo, os camaradas hespanhois irritados por uma fezoz repressão, todos vos manifestaram logo essa magua.]

Eu creio que, por vossa decisão de afogadilho, se cometeu uma grande falta. Não reflectira que se tratava duma questão votada no Congresso e que não era senão um fragmento do conjunto dos seus trabalhos. Daí a vossa interpretação errada. Tivemos no congresso que fazer uma conciliação entre os elementos comunistas e os elementos sindicallistas e tivemos sempre a preocupação de construir uma casa habitavel para uns e para outros.

Julgavamos atingido o nosso fim, quando chegou a vossa moção. São pois necessarias explicações. Vamos submeter-vos o conjunto dos trabalhos e das decisões do Congresso e estou convencido que se dissipará o mal entendido que a vossa declaração provocou. O comité nacional da Confederação Nacional do trabalho de Espanha apesar das campanhas contra os nossos amigos, acaba de aprovar a sua attitude deixanlo aos sindicatos exactamente informados do cuidado da ratificação definitiva. Na Alemanha, a União operaria livre de Oel-enkirchen, a União Geral dos Trabalhadores, e duas outras organizações de agricolas e empregados, votaram em Congresso a adesão á Internacional Sindical Vermelha, ficando apenas fóra do

bloco operario revolucionario queles sindicallistas (localistas) a quem a guerra nada ensinou e que ficam hoje o pequeno agrupamento sem importancia e sem influencia — que eram antes da guerra.

Os projectos de Rosmer

—Teremos ocasião de falar disso tudo. E quais são os teus projectos? De que modo nos val tu ser util com tens quinze mezes de Rússia?

—Evidentemente vi muito e aprendi muito na Rússia durante a minha longa permanencia ali. O meu primeiro trabalho será naturalmente dizer o que vi e o que aprendi. Parece-me que aqui, hoje que ha mais possibilidades de informação, se conhece menos a Revolução russa do que quando ella estava cortada do mundo e que pouco podia passar de lá para cá. Vi na Rússia muitos visitantes e observei de que modo faziam os seus inqueritos. Uns iam all procurar uma justificação das suas theorias, outros acham que uma Revolução operaria é uma coisa bem difficil, outros emfim mostravam-se sinceramente desiludidos por se encontrarem deante duma realidade diferente de que tinham imaginado.

Hoje a Revolução russa pede-nos mais alguma coisa mais de que o vago entusiasmo do principio. E exige que nos incorporemos plenamente nela. E' neste sentido unicamente que nós lhe levaremos o nosso auxilio e que poderemos aproveitar dos seus grandes ensinamentos.

E' tanto para nós como para eles que os trabalhadores russos lutam ha quatro anos. A' custa dos maiores sofrimentos resistiram e venceram a contra-revolução.

As difficuldades que tem a vencer são ainda imensas, mas se nos limitamos porém a olhar-as simplesmente como espectadores, somos indignos do seu heroismo.

Para que o «Comunista» se desenvolva

Francisco Direitinho.....	25\$0
Carlos Rates.....	10\$00
Sebastião Simões.....	1\$00
Eduardo Freitas.....	2\$50
João Martins Branco.....	5\$00
Adelino dos Santos.....	2\$50
José Aquino Rua.....	5\$00
Auxilio de 4 anónimos.....	100\$00
José R. Lourenço.....	1\$00
João Antonio Braz.....	5\$00
Eduardo Me zner.....	5\$00
Artur Vieira Bastos.....	5\$00
Augusto Ferreira.....	5\$00
2 sargentos de marinha.....	10\$00
Sobral de Campos.....	5\$00
Diniz Rocha.....	2\$50
José Aleluia.....	1\$50
Reinaldo F. Godinho.....	5\$00
Um ex republicano.....	20\$00
Jaime das Neves Guimarães.....	5\$00
Manuel Vieira Tomé.....	2\$00
Julio A. Batista.....	20\$00
Um comerciante.....	30\$00
Um simpatizante.....	30\$00
Um anónimo.....	100\$00
Antonio Peixe.....	25\$00
Anibal Vasconcelos.....	25\$00
Um comunista francês.....	10\$00
Joaquim Rodrigues Almeida.....	5\$00
	446\$50

(Continua.)

Sacco e Vanzetti

Segundo um telegrama de Nova York datado de 29 de outubro, o tribunal de Norfolk occupou-se naquele dia do pedido de revisão do processo-Sacco-Vanzetti.

Os nossos camaradas não foram, por enquanto executados.

Quem tenha lido a «Imprensa Livre» diario da tarde, terá observado que na «Secção Literaria» um pseudo F. A. faz uma guerra sem tréguas a nós comunistas, chamando-nos neo-marxistas, exaltando o seu «anarchismo» lirico a pontos de o comprometer.

Da força deste articulista, por sinal bom rapaz, mas novato em demasia para conhecer as asperezas e realidades da vida social, cheio de entusiasmo e nervos nas suas palestras e conversas não admitindo quasi que o seu interlocutor fale; da força deste articulista diamos, são quasi todos os que actualmente agrupam em diversas capelinhas sob a égide «anarquista.» Tudo palavreado, tudo lirismo, habitantes terrestres, parecendo viver na lua e afinal na pratica dão com os burrinhos na agua. E' o caso de serem chamados a indicarem a forma de amanhã porém em pratica os seus projectos: a resposta é invariavel. Não aceitamos leis, nem autoritarismos, tudo será obra do livre entendimento, do mutuo accordo, queremos a anarquia.

Lindas frases não resta duvida mas o que é certo, é que de frases estamos todos fartos e queremos obras, factos demonstrados. Criticamos-nos de que queremos a ditadura do proletariado, que não estão para verem substituidos os ditadores atuais, por outros ditadores no dia de amanhã.

Afinal tudo palavreado para armar ao efeito, fazendo uma propaganda dissolvente nos arrales operarios, quando afinal procedem como verdadeiros ditadores, nos redutos onde pontificam.

Mas vamos ao articulista, pseudo F. A. transcrevendo a sua proza publicada a 27 do p. p. mez o que segue.

O povo não compreende por não estar educado, a felicidade que os neo-marxistas lhe querem oferecer, e ele realisar a revolução. E como não está educado pretende-se submeter-lo a uma oppressão incomparavelmente maior que as das sociedades presentes. Essa oppressão seria exercida por uma ditadura. E depois se realisariam os belos ideais, os sonhos mais generosos, as quimeras mais sedutoras... Mas se pozermos d'espera duma sociedade ideal teriam de esperar até ao ano 3000.

E' portanto até lá, transitoriamente seria estabelecida a sociedade marxista uma sociedade infernal.

Ora vamos lá saborear este piteu avariado. Ora se o povo não está educado, são os sebastianistas que o pretenderão fazer-lo dentro desta Sociedade? E como se comprehende a afirmação de se submeter o povo a uma oppressão, a ditadura maior do que a presente? Depois se realisariam os mais belos ideais para o que tinhamos que esperar pelo ano 3000.

(Continua.) VIEIRA DA CRUZ.

Centro Comunista de Lisboa

SESSÃO DE PROPAGANDA

Passando amanhã, o 7.º anniversario da Revolução Russa, resolveu a comissão administrativa deste organismo, realisar uma sessão comemorativa de tal facto, amanhã, segunda-feira, pelas 21 horas, na sede, Rua do Aroo Marquês do Alegrete, 30-2.º.

Para esta sessão estão convidadas varios camaradas a fazer uso da palavra, assim como representantes das Juventudes Comunistas.

«O COMUNISTA»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

3 mezes (12 numeros)..... 1\$50
6 mezes (24)..... 2\$50
1 anno (48)..... 4\$50